

A DANÇA DO MOÇAMBIQUE

(Conclusão da 16.a página).

ga litanias, parecia com o bal-
cão do cururu", da zona oeste pauli-
sta, seguida de uma espécie de
diálogo cantado, isto é — de solos
e respostas alternadas — entre o
mestre que dirige o moçambique,
e o coro formado pelo conjunto
de moçambiqueiros, em fila, cha-
mados simplesmente de "com-
panhia".

Edeus!

Eeeeeeé!

Vamos com Deus,

irmão!

Vamos louvar São Benedito,

irmão!

Será nosso guia.

O moçambique parece ser de
origem africana, ou pelo menos
parece ter sido dançado primiti-
vamente somente pelos pretos, o
que é indicado não só pelo ritmo,
como também pelo instrumento de
percussão usado, como pelo no-
me da dança — "moçambique",
e como pelas constantes alusões
de veneração a São Benedito. En-
tretanto, no lugarejo de Bom Je-
sus de Putim é dançado por ca-
boclos. Tem ainda um caráter mis-
to de religioso e profano. Numa
de suas fases, o coro canta isto,
que é expressivo:

Beijar com moça bonita,

irmão

veja como tá tão bonitinha

irmão

o repicar do bastão

irmão

desconta algum pecadinho

irmão.

Algumas coplas são francamen-
te religiosas como:

Divino desceu o céu,

enchendo tudo de luz.

Aí! vamos tomar a peito,

essa gloriosa Santa Cruz!

As evoluções são muitas e va-
riadas, e têm nomes característicos:
— "capoeira", esperar em cima
da cabeça", "quatro pontos",
"bater trançado". Zé Piquira diz
que sabe mais de trinta.

A hierarquia no moçambique
tem o seu ponto alto como o mes-
tre, que dirige as evoluções, geral-
mente com um apito, e o contra-
mestre. Os outros são chamados
simplesmente — "o pessoal da fi-
leira". Há ainda um rei, mais
ou menos inexpressivo, que se li-
mita a carregar o cetro e que nem
dança, um tocador de tambor e
o porta-estandarte. O conjunto
de moçambiqueiros é chamado
por eles mesmos — "Companhia".

Assim:

Lá no céu tem uma roseira,

com o rosário de Maria,

Já deu flor, aforesceu,

desfolhou na "Companhia".

Foi lindo atravessar de volta,
sob o sol, a balsa que vogava so-
bre o rio tranquilo. Primeiro
morreram no ar os sons de ouro
e prata dos sininhos do "paiá".
Ficou só, dentro da caixa de res-
sonância do dia grande, a batida
profunda, tum, tum, tum, do tam-
bor de ritmo africano.

O ANIVERSARIO DO CENTRO

(Conclusão da 16.a página).

O sr. presidente — Consulto a
Casa sobre se considera objeto de
deliberação os projetos de lei que
acabam de ser lidos. Os srs. ve-
readores que estiverem de acordo,
queiram conservar-se como se en-
contram. — (Pausa). — São con-
siderados objeto de deliberação.
Vão a imprimir e às nobres comi-
ssões de Justiça, de Educação e
Cultura e de Finanças e Orça-
mento".

CORREIO PAULISTANO

A contribuição europeia no folclore paulista

(Conclusão da 16.a página).
da segunda sa composições em
voga.

Devemos notar, porém, que a
influência italiana não se exerceu
homogeneamente. Ela guarda
uma relação com a percentagem-
índice de fixação dos imigrantes,
segundo as regiões naturais.

E' maxima na capital, onde
atinge 10,4%. Grande, na zona da
Paulista, em que representa 9,5%
do total. Grande ainda, na Mo-
giana (zona de Ribeirão Preto),
com seus 7,6% da população glo-
bal. Notável, também, na Arara-
quarense, onde grupa 6,8% dos
habitantes.

Pequena, porém, na Noroeste,
na Sorocabana (excepto nos mu-
nicipios de Sorocaba e boca de
sertão). Mínima, enfim, no lito-
ral e na "Zona Norte" do Estado
(Vale do Paraíba), em que os
descendentes de italianos consti-
tuem apenas, 1,5% a 0,8% da po-
pulação.

CRIAÇÕES FOLCLORICAS PAULISTAS, DE FUNDO EUROPEU

A cultura paulista não se redu-
ziu, porém, à mera função recep-
tiva de padrões alheios. Elaborou
criações próprias. Merce do po-
der construtivo que anima os po-

vos fortes. As "culturas viris",
como diria Frobenius.

Semeou, por todos os desvãos
das serranias, as lendas dos te-
souros encantados. Dando-lhes,
porém, uma feição local, de acordo
com os acontecimentos historicos
de Piratininga.

Ao passo que as lendas portu-
guesas correlatas falam de mours,
de barris de ouro agaremo, em-
pilhados em subterraneos, o fol-
clore paulista revela eventos de
bandeiras perdidas.

A sangueira de uma embosca-
da cerca de um reflexo ruo o
tesouro do Curuçá. A riqueza es-
condida em meio dos pinhais de
Campos do Jordão encontra-se li-
gada às lutas entre os parciais de
Inacio Caetano e as milicias de
Itajubá.

O fim misterioso do ouro do
Padre Pompeu relaciona-se com as
monções setecentistas. As barras
coruscantes, que estariam no sub-
solo de Itapeperica constituem
uma lenda a mais no ciclo jesuític-
o, etc.

O paulista criou danças proprias.
Cindiou o cateretê em Variantes:
o passa-morena, o passa-pachola
e o mandado. Criou o "recorte",
"moda" que se intercala entre dois
sepatados de catira. Levou-o ao
Triangulo Mineiro, ao Oeste de
Minas e a Goiás, — durante o
"segundo bandeirismo" fazen-
deiro do século XIX.

Inventou o cururu", a dança re-
ligiosa, que se executa diante de
oratorios, e na qual é proibida
qualquer trova de amor.

Sistematizou as danças de San-
ta Cruz e São Gonçalo, introdu-
zindo "marcantes", e modifican-
do a coreografia portuguesa.

Cremos, ser, também, de cria-
ção paulista a viola de cordas me-
tálicas, — hoje adotada pelos
afro-planaltinos e filhos de ita-
lianos.

Urge terminar.

Frizemos o substractum eminen-
temente nosso destas criações. O
folclore paulista, mau grado ine-
vitaveis influencias marginaes, re-
sulta de maneira inequivoca, da
cultura planaltina, cultura ma-
meluca ou euro-amerindia ela-
borada pela grei bandeirante nos
tempos heroicos de Piratininga.

Folclore acolhedor que recebe, ao
lado de suas criações proprias, as
lendas e as historias que os imi-
grantes trouxeram no bojo dos
transatlanticos, e que falam de
patrias longinquoas, deixadas do
outro lado do mar.

Folclore da coletividade, surgi-
da no pé do Tietê, e que levou aos
quatro cantos da America Sulina
um pouco de sua alma, — num
verso de catira. Ou de devaneio,
no imo de uma canção...

1) — A fogueira tomou destaque
muito maior em terras de São Paulo,
visto as festas joaninas coincidirem,
aqui, com o rigor do inverno. Ao pas-
so que, em chãs da Lusitania, caem
no solstício estival.

2) — Poder-se-ia atribuir à as-
cedencia espanhola do sertanista seu
pender pelas touradas. Elas consti-
tuem, mesmo, um dos festejos mais
conhecidos em São Paulo Colonial.
Tanto que, ao pé da Santa Cruz do
Pocinho, existia um largo redonde-
l de madeirame rustico, onde se "cor-
riam touros", com frequencia.

Tal diversão era, porém, corrente
no Portugal jonnino. E em especial,
nos primeiros annos do reinado de D.
José I, frequentador assíduo das cor-
tidas aristocraticas de Salvaterra.